

# O ESPECTRO

NUMERO 45 — II ANNO 1889

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

3 mezes..... 260

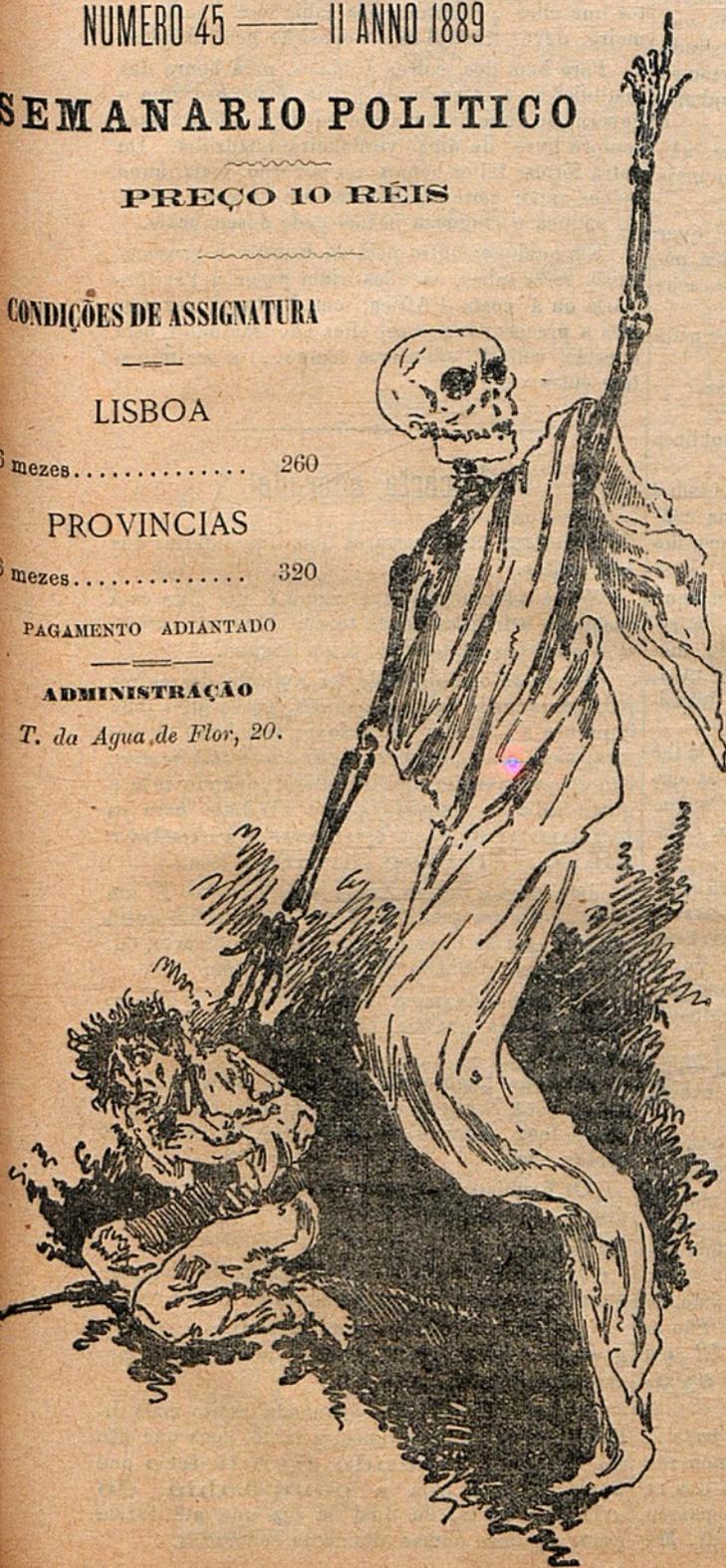
PROVINCIAS

mezes..... 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20.



## O roubo dos 449 contos

Continua rija a peleja. O paiz está cada vez mais assombrado deante das novas phases que a questão tem tomado.

O governo emudeceu, persuadido que o seu silencio privará a opposição do assumpto e a fadiga a compellirá a callar-se.

Engana-se. A opposição tem obrigação de o não largar mais.

Não pense o governo que tudo concluirá, em a discussão chegando ao ponto de saturação. Não chegará nunca.

D'esta infamia já se não lava nem o governo nem o partido. Salvo se este, por actos decididos, repellir a responsabilidade ou pelo menos a solidiedade que lhe pertence.

Porque é preciso notar que isto nunca se viu em Portugal. Felizmente cabe á gente que está no poder a triste gloria de inaugurar a **espoliação** como systema de governo; de fazer do roubo o seu unico proposito.

Aqui é tudo evidente.

A vida d'esta gente tem sido um tecido de actos, que se cifram em espoliações e assaltos aos cofres publicos.

Mas o povo, nas demonstraões que se lhe davam, via mais **politica** do que historia.

Julgando os *politicos* como officiaes do mesmo officio, tirava sempre ás accusaões 90 por cento do seu valor.

As provas accumulavam-se. Mas o povo, acostumado a ouvir chamar ladrões a todos, nem caso fazia das accusaões.

*Tão bons são uns como outros*, era a resposta que lhe acudia sempre á ponta da lingua.

Fiado n'esta situação do espirito publico, o governo tem ousado os maiores attentados. Os cofres do estado tem sido o seu objectivo. Não pensa, nem quer, nem procura outra cousa, senão enriquecer-se a si e aos seus. Todos os seus actos visam a este proposito. Por mais distanciados que se pareçam, examinae bem, dizia a imprensa ao povo: lá estará no fundo o fim unico: lá estará de fóra a garra do ministro, o proposito de deitar as mãos aos cofres publicos.

E o povo suppunha que a **gazua**, que o **pé de cabra**, que a **alavanca...** que surprehendia nas mãos de algum d'estes *honrados* ministros era um facto casual, que qualquer circumstancia fortuita facilmente explicaria.

Os ministros redobravam de audacia. A fama de *homem honrado* que o presidente de conselho conquistara, lá estava a servir-lhe de sentinella na vigilancia dos dinheiros publicos.

A balella sortira effeito no animo dos menos asisados e de muitos indifferentes.

Até homens de certo valor ouviamos ás vezes dizer:

—Elles são capazes de tudo; mas o José Luciano é homem honrado. Em se convencendo da ladroeira, atira com a albarda ao ar. Roubos não. Roubos é que elle não consente.

Pois, sciente ou inconscientemente, foi esta virgem pura que ajudou a fazer tudo isto.

O roubo aos cofres publicos está patente. As portas appareceram arrombadas. Faltam 449 contos. O ministro foi apanhado de alavanca e serrote ás costas, fugindo na direcção do syndicato. A opposição perseguiu-o como um galgo que vae atrás de uma lebre. Aqui correu pela estrada real; acolá sahiu-se por um cabeço; ali cortou-se por um atalho. O que ella queria era apanhalo ainda ajojado com o peso do ouro.

O povo o que deseja, para convencer-se, não são provas Moraes, quasi sempre tanto ou mais fortes do que as outras.

O povo quer provas **materiaes**; quer ver com os seus olhos e não pelos olhos dos politicos, que ás vezes vêm tudo pela côr dos seus interesses.

Pois bem; ahí estão. Não as pôde haver mais claras, mais concludentes, mais notorias.

A confissão do reu é a rainha das provas.

Oíçamos o ministro. Que diz elle?

—Que sim: que levantou dos cofres publicos 449 contos.

—Quem o auctorisou a semelhante attentado?

—A lei, que lhe permittiu pagar todas as contas de transição e despezas legaes do tabaco, diz elle.

—Mas essas contas de transição são as que passaram do regimen de liberdade para o da *regie*. Ora, a conta dos 449 contos passou do monopolio para a liberdade. E não era só de tabacos, mas de sabão; logo, não era conta de transição a que a lei se referisse.

Mas para interpretar uma lei duvidosa,—já lhe damos que esta o seja—procuram-se todas as circumstancias que acompanharam a sua feitura, publicação, etc. E se a lei é feita na vespera, é facil saber tudo do legislador.

Pois pergunte-se á camara, pergunte-se á commissão de fazenda, se ella quizer dizer, que **contas de transição e pagamentos legaes** eram contas de tabaco e sabão de 56 annos. E a commissão e o relator respondem, pasmados, que ninguem ali pensou em semelhante cousa.

Então a desculpa é como as que dão os criminosos, apanhados em flagrante delicto, e levados ante os juizes e as testemunhas.

Pois queriam que o sr. Marianno confessasse o crime? Queriam acaso que o ministro dissesse que aim, que roubara os 449 contos? Isto não faz o mais reles larapio, apanhado mesmo com o roubo debaixo do braço. Nega a pés juntos, ainda que as provas se mettam pelos olhos dentro.

O depoimento das testemunhas é que vale tudo. E aqui até ha testemunhas de vista. São os que receberam o dinheiro, maquiado de 52 por cento, que é o que ficou nas unhas dos **syndicatos**.

Este depoimento é esmagador. Não se trata de uma testemunha qualquer, mas de um homem respeitavel, senhor de 21 quinhões da divida dos tabacos, e por isso ao facto de tudo que se passou, porque lhe passou pelas mãos. E' o sr. dr. Ma-

chado, que declarou ter apenas recebido 48 por cento d'essa divida!

Os 52 que faltam andam a flunar por essas ruas em soberbas equipagens, em magnificos cavallos hanoverianos, em brilhantes e perolas de duzias de contos de réis.

A opposição não pôde largar mão d'este assumpto.

Aqui é que deve cahir o governo. Os pretextos que elles procuram para sahir fóra d'este la-meiro, deve frustral-os a opposição bem dirigida.

Para bem dos cofres publicos, para honra das instituições e salvação da patria, é forçoso que o governo se deite na cama que fez. O paiz ficará para sempre livre de uma verdadeira quadrilha. De outra fórma tel-os-hemos no governo mais anno menos anno; porque, infelizmente, o nivel moral da politica portugueza já não pôde descer mais.

Em qualquer outro paiz da Europa a preocupação seria saber, se elles iriam parar á Penitenciaria ou á costa d'África; em Portugal começamos a preocupar nos se elles não sabindo n'esta questão, voltarão em pouco tempo... a ser ministros outra vez!!!

## A carta adorada

Deitaram nova carta os dois liquidatarios dos 449 contos.

Vê-se claramente que agora é que lhes está chegando a indignação de terem cahido na ratoeira dos 52 por cento. Mas é um engano.

Accusado o ministro de ter roubado dos cofres publicos aquella enorme quantia, provocados pela imprensa a articularem qualquer simulacro de defeza, vieram á imprensa repetir o que *tinham dito*; isto é, que haviam recebido tudo, (quando toda a gente sabe o contrario) e que **fôsse para os tribuuaes, quem quizesse receber mais, se tivesse direito** a isso.

Isto nem é defeza, nem simula sel-o. E' um desabafo de ter perdido 52 por cento, como quem imagina que se tivesse andado com mais arte, talvez tivesse apanhado mais 15 ou 20 por cento.

Se não deixassem nas garras do syndicato aquella grossa quantia, não apanhavam *coisissima* nenhuma.

E senão lembrem-se de como começaram as transacções; lembrem-se da insignificancia que primeiro lhes offereceram, 10 contos, 20 contos, 28 contos, etc.

Os liquidatarios não quizeram, por ser insignificante a importancia que teriam a receber cada herdeiro.

Já se esqueceram que tiveram de disputar quasi real a real, para apanharem os 48 por cento?

A carta adorada se enterra cada vez mais o governo e isso já não é preciso, deixa ver um pezar injustificado:

O pezar de não ter apanhado muito mais dinheiro. Engano, repetimos, e tanto mais que não foi sómente o **Grande Syndicato** que apanhou, mas toda a **companhia do olho vivo**, da qual se diz que até fazem parte algumas damas altamente collocadas.

Como o sr. Machado não quer saber da pelica para nada, não irá aos tribunaes.

Recebeu 48 por cento e sabe perfeitamente que nem esses receberia, se o **Grande Sindicato** não comprasse a divida toda.

Se fôsse politico, nada diria, como é homem honrado, quando lhe fallam no assumpto, diz a verdade:

—Recebi 48 por cento. Nem mais um real e quem disser o contrario mente.

Que diriam a isto os liquidatarios da carta adurada, se elle lh'o chimpasse na cara em pleno tribunal?

Vinha terceira carta; e o ministro, a quem o lodaçal já dá pela barba, afundar-se-hia de vez.

Homem ao esgoto, é o que dirá a historia, para glorificar em Portugal o centenario da revolução franceza.

## Intrujices

A' porta da loja Novo Mundo, na rua do Oiro, temos visto durante uns poucos de dias umas peças de casimira em que se lê este rotulo:

Fato completo, 3\$200 réis; seu custo 7\$000 réis! Assim o logista para obsequiar os freguezes, muitos dos quaes elle nunca viu mais gordos, simplesmente para os obsequiar pelos seus bonitos olhos, perde em cada fato completo 3\$800 réis.

Como é que esta loja ainda não quebrou, fazendo negocios d'aquelle alcance, pergunta toda a gente admirada?

Não deveriamos antes acreditar que não seria precisamente de 3\$800 réis a differença no preço da venda e do valor da fazenda?

Seja como fôr, o que é certo é que ha patos que caem na armadilha, apesar de ser tão reles como parece. Se não fôsse assim, não estaria ella lá tantos dias.

Este systema vae pegando, vae, mas a verdade é que a primeira coisa que o commercio devia ser, era muito serio e honesto. Honesto, principalmente.

O que se está vendo por toda a parte assombra pela audacia da mentira, da deshonestidade, da falsificação, e do roubo.

A questão é apanhar dinheiro. Ninguem cura de saber se o meio é ou não licito.

**Venha dinheiro**, e seja como fôr, ás vezes até á custa da saude, do vigor e até da vida e do futuro do homem e das gerações. Estão-se falsificando todos os artigos de primeira necessidade, até com venenos fortissimos. Ninguem quer saber d'isso.

O pão, o vinho, o vinagre, o café, o chá, a manteiga, o assucar, o chocolate, a lã dos colxões, o panno do vestuario, as casimiras, tudo é falsificado, tudo é mentira, defraudação e roubo!

Que dizem a isto os poderes publicos?

—Que cada um **se governe**, que elles teem mais que fazer!

E' horroroso o quadro d'esta sociedade a apodrecer por todos os lados.

## Appello

Vamos começar este artigo pelas palavras de um rei, escriptas com a sinceridade de uma alma experimentada em todas as amarguras da vida.

São do testamento do desventurado Luiz XVI; eil-as:

«Recommendo a meu filho, se tiver a desgraça de reinar, que pense que **se deve por completo á felicidade de seus concidadãos**, e que tem obrigação de olvidar todo o odio e resentimento, especialmente no attinente ás desgraças e pezares que hoje me affligem, e que não *póde laborar na felicidade dos seus povos senão reinando segundo as leis*, nem esquecer ao mesmo tempo que um rei não póde lograr que estas sejam respeitadas, nem pôr em pratica o bem que leva em seu coração, **senão mantendo a auctoridade necessaria**, pois de outro modo, achando-se cohibido em seus actos e não inspirando respeito, é mais prejudicial que util.»

Transcrevemos de proposito esse periodo que ahí fica, porque nos confirmamos inteiramente com a sua doutrina, que a não póde haver melhor—a de um pae que aconselha, segundo os dictames da sua consciencia, a norma de proceder de seu proprio filho.

A apresentação d'este exemplo da historia de um rei tem por fim pedir a outro rei, se a nossa voz póde ser ouvida, a meditação sobre aquellas grandes verdades, suggeridas e recommendadas n'um dos mais solemnes momentos da vida.

Se el-rei meditar n'esse grande conselho, se a coacção lhe não dominar o espirito, se tiver a auctoridade necessaria para fazer a felicidade dos seus concidadãos, temos a certeza da expiração d'esse **repellente consulado progressista**, que apenas vive do crime para o crime, da corrupção pela corrupção.

Se n'este paiz a dignidade do poder não tivesse chegado á baixesa a que o *progressismo* se tem arrastado, se o **gatunismo** não fosse uma fórma de *governo*, ou a rapinagem um uso do *poder*, já o paiz estaria liberto d'esses **ratas** do thesouro, d'esses pelintras a quem a corrupção elevou do pó, ainda que envolvidos em **lana**.

E' necessario que sua magestade se digne lançar os seus olhares para as classes que o fixam e esperam a justiça que lhes assiste. E' necessario que sua magestade, se ainda tem força, a manifeste em favor do povo, embora em prejuizo de um **governo que não póde merecer confiança**.

Se el-rei não escutar os pedidos sinceros que de toda a parte lhe dirigem e o paiz se lançar nas aventuras de uma revolta, todos nós teremos de soffrer as consequencias da nossa cegueira que nos póde srrastar até longe.

**Justiça, Real Senhor!**

## A crise do governo

Teem varios collegas referido estar o governo atacado de uma **Crisite aguda**, cuja debellação se tem tornado *impossivel*.

O sr. José Luciano, que não é forte em *medecinas*, ainda tentou pôr em pratica um *prompt' alivio*, que uma visinha da R. dos Navegantes lhe ensinára, mas o fiasco foi completo e o presidente sahiu corrido.

Querem saber o conselho da visinha?

Lá vae:

O sr. Zé Luciano pranta um caustico na *justiça*, deita umas bixas na *guerra*, põe cilicios na *marinha*, opéra *fazenda* e *obras publicas* para depois deitar cataplasmas no *reino*. Olhe que o remedio é bom e, applicado com tino, surte os effectos.

O sr. Luciano de Castro, satisfeito com o conselho da boa visinha, muniu-se dos engredientes proprios e atirou-se aos mares.

Foi porém precipitado, precipitação resultante da charlatanice na arte — começou por pretender fazer as operações.

Como s. ex.<sup>a</sup> não é pratico a *fazenda* gritou á vista do bisturi manejado por quem não sabe da arte; n'isto salta o redactor do *Popular* e pergunta: quem pede soccorro?

Á *fazenda* — eu, trata-se de operações, querem operar-me e ás *obras publicas*...

Ah! elle é isso? diz o redactor, pois opére, *seu* Luciano, opére, que eu vou já fazer gemer os prelos de S. Roque, e de caminho levo o *estadulho* que deve estar nas *Novidades* e veremos então quem é pimpão!

A *pratica d'operações* é de exclusivo uso da *fazenda*, que não admite superioridade na arte a um charlatão qualquer que á ultima hora se quer impôr de *medico*, quando da *medicina* nada entende.

Opére, *seu* Zé, se é capaz; que lá na gaveta da redacção estão as *receitas* que hão de cauterisar a ferida, muito embora á custa da producção de novas mazellas.

O sr. José Luciano, horrorisado com o tom tectrico da ameaça, atirou com os instrumentos á rua e deu ao diabo os conselhos da senhora visinha.

Moralidade: *Quem te manda sapateiro tocar rabeção...*

## O testamento do ministro das obras publicas

E' assustador o que está succedendo no ministerio das obras publicas.

As repartições dependentes d'aquelle ministerio estavam já atulhadas—esta é a phrase de empregados publicos.

Já não havia espaço para metter mais gente. Não eram só as repartições velhas; eram as novas, ultimamente inventadas. Tudo estava a trasbordar.

Não eram só repartições; eram logares avulsos creados aos centes; eram reformas de quatro e cin-

co empregados para o mesmo logar; era a nomeação de quatro e cinco pessoas para o mesmo emprego: uns effectivos, outros addidos, outros supra numerarios, outros adjuntos, outros em commissão, outros extraordinarios... Eram batalhões de sujeitos espalhados como abutres sobre o corpo d'este pobre e velho Portugal, alquebrado, menos annos que do cansaço de trabalhar como um mouro para sustentar tanto parasita.

Como se tudo isto não bastasse, o ministro das obras publicas n'uma azafama, que mais parece loucura do que outra coisa, está ha uns poucos de dias a despachar gente para novos e rendosos logares.

Tem-se feito decretos aos centos; muitos tem sido rasgados para substituir o nomeado pelo que á ultima hora se apresenta com empenhos mais fortes.

Inspectores de caminhos de ferro, sujeitos que não tem mais que fazer, que o recibo no fim do mez são 80\$000 réis de ordenado—só inspectores parece que já ha 27!

Ha até logares novos, com nomenclatura nunca vista!!

O ministro parece que acaba por se metter, como um arganaz, dentro do melhor queijo que vae á mesa do orçamento: nomear-se-ha director da alfandega, reformando se o actual director; o que dará cinco directores (reformados) d'aquelle logar!!

### Isto é medonho!

Isto é positivamente **metter o paiz a saque**.

—O dinheiro com que se hão de pagar todas estas loucuras, sae do teu trabalho, ó povo.

O teu sangue, depauperado pelo excesso das fadigas e pela deficiencia da alimentação, quasi sempre adulterada, é o alimento d'estas orgias.

Porque é que tu, ó misero, que tens a força não levantas o braço e esmagas os vampiros que hão de sugar-te até á ultima gota de sangue?

—E' porque já não és forte? E' porque te enfraqueceram o corpo e bestialisaram a alma? Peior para todos. Porque quando vier o dia das grandes provações, caminharás como um cordeiro para o holocausto, onde será tudo sacrificado, patria, liberdade e honra!

Uma pergunta á consciencia publica:

O ministro que succeder a esta orgia não deverá annular semelhante serie de escandalos?

Pode o dinheiro do povo e que tanto lhe custa a ganhar, pagar loucuras d'esta natureza, sem remorsos para ninguem?

Pode a opposição acceitar a herança do poder, sem se impôr a obrigação indeclinavel de varrer da administração publica esta bicharia, que não representa só uma vergonha, mas um roubo aos dinheiros com que isto tem de ser pago?

O paiz tem os olhos na opposição. Nunca foi mais difficil a herança do poder, mas poucas vezes será mais gloriosa, se conseguir limpar o corpo do paiz da vermina com que esta quadrilha o emporcalhou.

Queime com ferro em braza a podridão, que é enorme, e bem merecerá da patria.